

O desejo de comer.

The desire to eat.

CARINA RODRIGUEZ SCIUTTO

RESUMO:

O objetivo deste trabalho é estabelecer a diferença entre a alimentação como necessidade biológica e o desejo de comer como função dependente de uma estrutura subjetiva. O ser humano não pode alimentar-se sem mediação, necessita da introdução prévia a um sistema simbólico para poder desfrutar da comida. Esta investigação começa revisando algumas referências essenciais na obra de Lacan: Jakob Johann von Uexküll, Melanie Klein e Otto Isakower. Em seguida são descritos alguns conceitos fundamentais para pensar esse campo do desejo e estabelecer um direcionamento específico de tratamento para as diferentes estruturas clínicas.

PALAVRAS-CHAVE: desejo alimentar – pulsão – demanda do Outro – gozo – imissão/invasão de Outridade - sintomas alimentares.

ABSTRACT:

This paper aims to establish the difference between eating as a biological function and the desire to eat as a function dependent on a subjective structure. Humans cannot enjoy food without mediation; we need a prior introduction to a symbolic system. This research begins by reviewing some essential references in Lacan's work: Jakob Johann von Uexküll, Melanie Klein, and Otto Isakower. The paper continues describing some fundamental concepts of Lacan about this field of desire and establishes a specific direction of cure for the different clinical structures.

KEYWORDS: food desire – drive – demand of the Other - jouissance - inmixion/invasion of Otherness – eating disorders.

Introdução

O sabor de uma maçã não se encontra na própria maçã, a maçã não pode ser saboreada por si só, nem na boca, é necessário conteúdo entre elas.¹

Este trabalho visa contribuir teoricamente com o campo do desejo de comer, diferenciando-o da função nutricional biológica considerada natural, orgânica e dependente da fisiologia e das substâncias de um corpo físico. Investigaremos mais além das posições tradicionais da psicanálise,

¹ Borges, J.L. cita o Cardeal Berkeley em áudio UBUWEB https://ubu.com/sound/borges_norton.html.

que reduzem a leitura dos sintomas, neste campo a problemas de quantidade de gozo, por entenderem a pulsão como um fenômeno biológico e, portanto, impossível de ser analisado. Consideramos o conceito de **pulsão** -proposto por Lacan como eco, no sujeito, da demanda do Outro- como central para pensar o campo dos sintomas alimentares, articulado, ainda, aos conceitos de **significante** e **gozo**. Lacan sustenta que o gozo é produto do funcionamento significativo, não de uma substância corporal. O estilo deste texto é uma **colagem** -segundo a proposta de Lacan-,² um recorte parcial e limitado de conceitos -como qualquer tentativa de articular conhecimentos- com o objetivo principal de pensar ferramentas teóricas que possam orientar nossa práxis. Como indica Andrew Van de Ven (1989), nada é mais prático do que uma boa teoria.³

Jakob Johann von Uexküll

As obras do biólogo alemão Jakob Johann von Uexküll⁴ são uma referência fundamental para que Lacan pense a necessária articulação entre uma organização mental e um corpo que nos permite sentir. Em seu livro *Cartas Biológicas para uma Senhora*, Uexküll critica as posições naturalistas ingênuas que sustentam que a vida é condicionada apenas por processos físico-químicos e pela atividade do cérebro. Ele estabelece que os seres humanos não são máquinas biológicas, mas sim sujeitos, proposta que se estende, em certa medida, ao mundo dos animais. A possibilidade de experimentar sensações, como sons, cores ou sabores, exige para Uexküll a existência prévia de uma organização subjetiva, que ele chama de *Gëmut*. Essa instância psíquica é anterior a cada experiência, possui leis próprias, é constituída pela organização das sensações e é o que possibilita a produção de sentido para que um corpo possa funcionar. A pré-condição para sentir – seguindo esta teoria – é o estado de espírito e a introdução de uma temporalidade nas experiências sensoriais vividas, que permite organizá-las numa estrutura.

Tudo, mesmo o mais diminuto, mostra uma ordem, um sentido e um significado.

[...] Uma força supra-espacial e supratemporal sustenta, move e forma tudo: a conformidade com um plano.⁵

² Lacan, J. (1963). *Seminário X, La Angustia*. Aula de 13 de março de 1963. Versão Rodríguez Ponte.

³ “Nada é tão prático quanto uma boa teoria”. Van de Ven, A. (1989).

⁴ Von Uexküll, J. (2014). *Cartas Biológicas para uma Senhora*. Buenos Aires: Editorial Cactus.

⁵ Idem. (Tradução nossa).

Para Uexküll existem apenas realidades subjetivas, cada sujeito vive num mundo circundante particular (Umwelt) que consiste num recorte da natureza. O acesso ao mundo só é possível através dos nossos meios subjetivos que, ao mesmo tempo, possibilitam e limitam as nossas experiências sensoriais. O indivíduo e o mundo que o rodeia constituem uma unidade, e fora desse espaço não há acesso direto a uma realidade externa.

Cada sujeito tece relações, como fios de aranha, sobre determinadas propriedades das coisas, entrelaçando-as até configurarem uma rede sólida que será a portadora de sua existência.⁶

A proposta de Lacan sobre o acesso à realidade coincide com a de Uexküll, necessitamos de um plano prévio para podermos ter experiências no mundo humano. Esse plano necessário é constituído pelo conjunto de significantes – denominado **bateria significante** – que determina um campo (A) que está dado desde o início e desde sempre. Este campo é a pré-condição necessária para qualquer experiência sensorial humana e está organizado⁷ com “uma dose de Édipo”, numa experiência que permite ao sujeito constituir o seu mundo de realidade e as suas categorias de tempo e espaço. O Umwelt humano⁸ requer determinadas condições sociais para funcionar. A percepção do homem depende da sua pertença a um complexo cultural -o Outro, na conceituação de Lacan.

Antes de toda experiência, antes de toda dedução individual, antes mesmo de nele se inscreverem experiências coletivas que se referem apenas às necessidades sociais, algo organiza o campo, inscreve nele as linhas de força iniciais. [...] A natureza fornece significantes -para chamá-los pelo seu nome- e esses significantes organizam as relações humanas de forma inaugural, dão as estruturas dessas relações e as modelam.⁹

Alguns conceitos fundamentais

Este enigmático parágrafo de Lacan sobre o desejo alimentar, no *Seminário XI*, foi um agente

⁶ Von Uexküll, J. (2016). *Peregrinações pelos mundos circundantes de animais e homens*. Buenos Aires: Editorial Cactus, p. 52. (Tradução nossa).

⁷ Lacan, J. (1988). *Sobre la causalidad psíquica*. Em *Escritos*. Buenos Aires: Paidós. p.173.

⁸ *Umwelt* é um conceito originalmente proposto por Von Uexküll e que se traduz em espanhol como mundos circundantes. Consiste no ambiente percebido subjetivamente. Cada componente do umwelt tem um significado e representa o modelo de mundo daquele organismo.

⁹ Lacan, J. (1989). *Seminário XI*. Buenos Aires: Paidós. p. 28. (Tradução nossa).

motivador deste trabalho:

Porque você não vai a um restaurante chinês só porque quer comer, mas porque quer comer na dimensão do exótico. Se a minha fábula tem algum significado, é porque o **desejo alimentar** e alimentação têm um significado diferente. O desejo por comida é aqui suporte e símbolo da dimensão sexual, a única que é rechaçada do psiquismo. Aqui, está subjacente a pulsão, em sua relação com o objeto parcial.

10

O desejo de comer está associado ao conceito de pulsão e à dimensão sexual que se manifesta no desfiladeiro do significante; sendo o único que concerne e interessa à psicanálise. Esse argumento se opõe, portanto, a interpretações que entendem a pulsão como uma força biológica que um sujeito (entendido como pessoa) enfrenta em seu cotidiano com um determinado objeto tridimensional – o alimento, por exemplo –, com o qual obteria determinado prazer ou desprazer. Frequentemente nos deparamos com esta equivalência teórica equívoca entre o conceito lacaniano de gozo e a mera relação prazer/desprazer. Essa confusão conceitual leva a contradições teóricas e becos sem saída na clínica.

No *Seminário V*, na reunião de 25 de junho de 1958, Lacan nos diz que pulsão não é instinto, que isso é um erro de tradução da obra de Freud. O termo correto para defini-la, em inglês, é *drive*; e no mundo da ciência o termo seria *tropismo*, referindo-se às atrações irresistíveis no comportamento dos animais. A pulsão, para a psicanálise, é definida como um conceito associado a quando, no encontro com determinada necessidade, o sujeito permanece em estado de subordinação e atração por determinados significantes. As dificuldades que surgem no campo alimentar devem, portanto, ser pensadas como dificuldades **significantes**. Na última aula do *Seminário VI*, Lacan descreve a pulsão como:

[...] esse **grito**, esse empurrão, é algo que para nós não vale nada, não existe, não está definido, não está articulado, exceto na medida em que está preso numa sequência temporal de natureza especial, que chamamos de *cadeia signifiante*.¹¹

¹⁰ Idem. p. 277-278. (Tradução nossa).

¹¹ Lacan, J. (2014). *Seminário VI*. Buenos Aires: Paidós. p. 526. (Tradução nossa).

A cadeia significativa faz com que esse impulso – pulsão – seja desconectado de tudo o que é vital e, portanto, seus diferentes componentes – tais como delineados por Freud: impulso, fonte, objeto e tendência – podem apresentar-se desarticulados numa “decomposição significativa”.¹² O desejo é uma localização do sujeito em relação àquela cadeia de significantes, em que ele se reflete na dimensão do desejo do Outro,¹³ e não tem a ver com nenhum objeto que satisfaça qualquer instinto. O objeto de desejo – **objeto a** do grafo – é o desejo do Outro que se institui numa estrutura simbólica, e é o ponto central em torno do qual gira toda a economia de um sujeito. Existe uma relação com esse objeto (a) que se repete indefinidamente. A proposta mais radical de Lacan em relação à pulsão é que ela pode ser reduzida ao puro jogo significativo, e é justamente nisso que consiste a sublimação, que ele define como a possibilidade de equivalência entre o desejo e a letra.¹⁴ Daí a possibilidade de a pulsão oral poder simplesmente girar em torno de um menu:

[...] na experiência analítica a pulsão oral é a última, numa situação em que ela simplesmente faz um pedido num cardápio.¹⁵

Ao final do *Seminário VI*, Lacan indica os passos lógicos e conceituais necessários para pensar a ordem do desejo: o circuito fechado do grafo, que inclui os quatro termos fundamentais d , $(\$ \diamond a)$, $S(A)$ e $(\$ \diamond D)$.

No *Seminário XI*, ele indica que, subjacente ao desejo de comer, encontramos a pulsão em relação ao objeto parcial.¹⁶ No capítulo XIII deste mesmo Seminário, Lacan define a pulsão por uma via negativa. Não é um dado radical da experiência, arcaico e primordial, nem a inércia na vida orgânica, não é natural nem tampouco é energia cinética. A pulsão é um conceito fundamental e Lacan a descreve como uma ficção, no sentido proposto por Jeremy Bentham.¹⁷ O fictício é algo criado pela linguagem, uma construção, mas desde a sua criação funciona como real. A pulsão, conseqüentemente, não é de ordem biológico-orgânica, mas sim uma construção ficcional que é produto do funcionamento da linguagem e, a partir do momento em que é utilizada como conceito, produz efeitos sobre o real.

Na pulsão temos que **algo – Isso** – se satisfaz e indica a localização do sujeito do inconsciente. Como indica Dutra (2021):

¹² Ibidem.

¹³ Lacan, J. (2010). *Seminário VI*. Versão Rodríguez Ponte. Aula 27. p. 9.

¹⁴ Ibidem. p. 20.

¹⁵ Lacan, J. (1989). *Seminário XI*. Buenos Aires: Paidós. p. 175. (Tradução nossa).

¹⁶ Ibidem. p. 277-278.

¹⁷ Ficção que equivale à proposta de Jeremy Bentham, autor citado por Lacan nos Seminários 2, 7, 8, 11, 14, 15, 16, 20 e 24.

Trata-se da localização do sujeito do inconsciente, da manifestação de que *Isso fala* em uma zona erógena. Ou seja: algum buraco no corpo que fala sem que o sujeito saiba nada disso, nem o que diz, nem sequer que diz algo.¹⁸

Pulsão é um sistema, uma montagem, semelhante a uma colagem surrealista e envolve a trama de um ato. O objeto da pulsão encontrado nunca a satisfaz, pois nenhum objeto concreto poderia satisfazê-la. Comer, no campo do desejo humano, é uma pulsão parcial e seu objetivo consistirá apenas numa volta, na forma de um circuito em torno de um objeto.

Flávia Dutra, em seus textos “Pulsão e Gozo”¹⁹ e “O sujeito no gozo e na pulsão”,²⁰ expressa a necessidade de articulação entre os conceitos de pulsão, gozo e significante. Ela propõe que o gozo é um conceito original em Lacan e não equivalente à satisfação pulsional freudiana. O gozo consiste em um dizer que ecoa no corpo,²¹ emerge no campo do Outro e produz um chamado à subjetividade. A pulsão é um modo de saber que se localiza no lugar falho da relação entre um sujeito e um objeto. Dutra argumenta que, na teoria de Lacan, o gozo tem estatuto lógico e é efeito do significante:

O gozo é a consequência lógica do funcionamento significante, da maquinaria significante operando. Efeito da introdução do sujeito no real, em outras palavras: é efeito de que haja sujeito.²²

O gozo na teoria lacaniana não é um fenômeno biológico, e um efeito que o significante produz nos corpos. Dutra nos aponta que o corpo com que trabalhamos na psicanálise tem origem discursiva, é o corpo do sujeito alienado do significante e, portanto, das leis do discurso.

A pulsão é um eco, no corpo, da significância que goza e, portanto, a pulsão é consubstancial ao gozo. Ambos têm o significante como causa material.²³

¹⁸ Dutra, F. (2021). Pulsão e Gozo. *Lacan, A Revolução Negada*. p. 193–207. Curitiba: Editora CRV Ltda.

¹⁹ Dutra, F. (2021). Op. cit.

²⁰ Dutra, F. (2020). O sujeito no gozo e na pulsão. *El Rey está desnudo*, Revista 16.

²¹ Lacan, J. (2009). *Seminário XXIII*. Buenos Aires: Paidós. p. 18.

²² Dutra, F. (2021). Op. cit.

²³ Dutra, F. (2020). Op. cit.

Essa concepção da pulsão como ficção -seguindo Bentham-, eco no corpo e forma de saber,²⁴ nos permite ter um poderoso instrumento clínico para pensar os rumos do tratamento. O objetivo da análise será a leitura e interpretação desse saber escrito nos sintomas do corpo, do qual o sujeito nada sabe e ao qual não tem acesso direto. **Isso** que goza e **Isso** que fala em seu corpo é composto de significantes e possui uma certa estrutura que permite sua leitura: “o inconsciente se estrutura como uma linguagem”, repete Lacan incessantemente ao longo de sua obra. Em nossa prática, devemos tratar de estabelecer, primeiramente, aquele sistema constituído por cadeias discursivas das quais o sujeito é efeito. Construir este sistema, estabelecendo seus elementos e combinações, permitirá realizar as operações de leitura e decifração necessárias para construir uma saída do sofrimento.

Um exemplo para pensar essa leitura clínica é o filme *Êxtase*, de Moara Passoni. O tema central deste documentário autobiográfico é o sofrimento com sintomas de anorexia. Ela diz que seu corpo está **gritando** e que seu problema não tem nada a ver com ser gorda ou magra. Os seus graves sintomas de não comer e a estranha vontade de ter uma alma sem corpo – quer atingir um “estado leve absoluto” – constituem um grito dirigido ao mundo e à espera de ser lido. Nas entrelinhas são prefigurados possíveis temas – sujeito – daquela história tácita ou censurada que reaparece nos sintomas: abandono, solidão, relacionamento difícil com a mãe, rejeição ao surgimento de um novo corpo com características sexuais. Podemos delinear um desejo inconsciente que produz efeitos de decomposição significativa em seu corpo e contraria as leis naturais: ela sente mais energia quando come menos. O conceito de pulsão em Lacan responde a esse tipo de problema. Em seu corpo “nada entra e nada sai”, e ela tem medo de “começar a comer e não conseguir parar”. Observamos que seus problemas são de natureza significativa: os ecos em seu corpo de um dizer. Este documentário talvez seja uma tentativa de escrita que permita a articulação de uma verdade não dita via sublimação: a possibilidade de “ser vista”, e assim revelar algo do seu sofrimento que é impossível dizer.

No *Seminário Encore*,²⁵ Lacan apresenta uma definição de gozo como aquilo que não serve para nada²⁶ e está intimamente relacionado ao superego, instância que obriga alguém a gozar, na forma de um imperativo: Goza! Lacan propõe uma nova substância²⁷ que diz respeito à experiência analítica: a substância gozante, propriedade do corpo vivo enquanto **isso goza**. A possibilidade de

²⁴ Lembremos que, para Lacan, o saber é um conjunto de significantes articulados.

²⁵ Lacan, J. (1972). *Seminário XX*. Versão Rodríguez Ponte. Aula 3.

²⁶ Portanto, comer conforme desejado não tem relação direta com nutrição.

²⁷ Neste Seminário propõe três substâncias: pensante, extensa e gozante.

gozar só é possível se esse corpo já foi previamente **corporificado** de forma significativa.²⁸ Sem a incorporação prévia na rede significativa, o corpo que habitamos não teria capacidade de gozar. “O significativo é a causa do gozo”.²⁹

Neste Seminário Lacan articula o ser em sua relação com o gozo.³⁰

[...] o ser é o gozo do corpo como tal, ou seja, como **a**, ponham-no como queiram:
como (a / a- / à) sexuado.³¹

Para o **falasser**, o corpo é um objeto dentro da série de **objetos a** que Lacan define como objetos causa de desejo. Nossa relação com esse **corpo assexuado** dependerá da operatória prévia da função do **objeto a** na estrutura. Que se possa gozar com esse corpo não é uma condição biológica dada antes da entrada na *dit-mension* do homem. Frente a esse **corpo-objeto a**, a pulsão se apresenta como um modo de saber que permite ao sujeito habitá-lo e gozar dele, por meio da conformação e articulação de diferentes zonas erógenas. A pulsão consistirá no saber que permite ao sujeito se relacionar com os objetos: seu corpo, a comida, outros.

É precisamente disso que se trata na comida [*nourriture*], é precisamente uma espécie de absurdo, mas que o próprio discurso estabelece, se assim posso dizer, no seu direito.³²

Comer, para um sujeito não é um ato biológico, portanto seu objetivo não está centrado na nutrição: é uma função possibilitada e sustentada pelo funcionamento de um discurso. Isto é claramente observado em alguns casos de psicose, onde os pacientes relatam nunca sentir fome e onde vemos que o desejo de comer pode desaparecer completamente. A articulação entre pulsão, gozo e significativo permite pensar os sintomas a partir de outro lugar. As dificuldades na alimentação e o desejo de comer dependem, conseqüentemente, da estrutura desse lugar que Lacan chama de grande Outro. Os sintomas têm a ver com a história de um sujeito, e com uma forma de

²⁸ Neste ponto, Lacan concorda com Uexküll sobre as pré-condições necessárias para um corpo sentir: para Uexküll, Gemut; para Lacan, a instância do significativo.

²⁹ J. Lacan. (1972). Op. cit. p. 25.

³⁰ Para aprofundar esse tema, sugiro a leitura do texto *El sujeto en el gozo y en la pulsión*, de Flávia Dutra.

<https://elreyestadesnudo.com.ar/wp-content/uploads/2023/06/5.-El-sujeto-en-el-gozo-y-en-la-pulsion-Flávia-Dutra.pdf>

³¹ Lacan, J. (1972). Op. cit. Aula 1. p. 13.

³² Lacan, J. (1972). Op. cit. Aula 3. p. 2. (Tradução nossa).

escritura que se mostra e chama a ser lida. Em “Função e Campo da Palavra e da Linguagem em Psicanálise”, Lacan define o inconsciente como o capítulo censurado de nossa história que, no entanto, pode aparecer escrito em outros lugares, e um deles pode ser o corpo.

É a verdade do que foi esse desejo em sua história que o sujeito grita através do seu sintoma [...]³³

Nossa função como analistas consiste em um ato que permita ao sujeito receber sua própria mensagem, reintegrando aquela parte de seu passado, e encontrar sua verdade. Os sintomas mostram uma estrutura de linguagem e se resolvem quando podem ser decifrados.

O funcionamento do significante é ao mesmo tempo a causa material do gozo do ser falante e o seu limite. Como consequência desta argumentação lógica, os sintomas devem ser tratados ao nível da sua *moterialidade* significante.³⁴ Por exemplo: podemos propor que, nos casos em que falta o desejo de comer, a causa material não opera; e que, naqueles onde não se consegue parar de comer, o limite não opera. A direção do tratamento estará relacionada à capacidade de estabelecer quais são as cadeias discursivas e deduzir a gramática pulsional significante que opera ou falha em cada caso.

Algumas consequências clínicas

Na clínica, por vezes, se apresentam formas estranhas de comer, em que, por exemplo, falta completamente a vontade de comer ou só se come a mesma coisa, repetidamente. A estranheza desses comportamentos permite intuir neles a presença de um **desejo inconsciente**, articulado, mas não articulável, ou seja: que não pode ser dito pelo eu de um sujeito. Este desejo anseia por ser reconhecido, sendo seu único objeto o significante do seu reconhecimento.³⁵ Os sintomas neste campo podem ser pensados como formas de desarticulação significante entre desejo, prazer e função nutricional. Alguns exemplos:

- Pacientes que não têm fome, esquecem de comer ou não comem nada.
- Circuitos repetitivos sem saída, consistindo em comer e vomitar.
- Comida como objeto invasivo, causando dificuldades em engolir ou digerir alimentos.
- Rejeição a certos alimentos devido a determinadas características, como textura, cor,

³³ Lacan, J. (1988). La instancia de la letra o la razón desde Freud. Em *Escritos I*. Buenos Aires: Siglo XXI. p. 499. (Tradução nossa).

³⁴ *Moterialidade* é um neologismo proposto por Lacan, onde articula *mot* (palavra) com materialidade: a materialidade produzida pela palavra.

³⁵ Lacan, J. (2010). *Seminário VI*. Versão Rodríguez Ponte. Aula 27. p. 11.

aparência, consistência, etc.

- Não conseguir parar de comer ou beber.
- Cuidados excessivos, restringir-se exclusivamente a comida preparada de acordo com diretrizes rígidas de ingredientes e de preparo.
- Alimentação seletiva, pacientes que comem apenas alimentos familiares e se recusam a experimentar novos ingredientes.
- Comer como forma de preencher um vazio.
- Comer como resposta a uma angústia profunda ou a situações de estresse ou sofrimento.

Nossa tarefa consiste em analisar as montagens e os circuitos ficcionais constituídos por bucles de cadeias significantes, em torno dos quais se articula ou se decompõe, gira, tropeça ou se detém a pulsão alimentar.

Ela é primitiva e primordialmente decomponível, decomposta, para dizer tudo, numa decomposição significativa.³⁶

Lacan propõe que os sintomas se resolvem quando, através do processo de escritura numa análise, são lidos e cessam de não se escrever. Os sintomas alimentares convidam a ser lidos como forma de expressão de um sofrimento inconsciente ainda não expresso em palavras, e a sua desarticulação implicará o trabalho complexo de análise das cadeias significantes não sabidas que o sustentam. As formas particulares de alimentação de cada pessoa são determinadas por uma estrutura intersubjetiva.

A possibilidade de comer com desejo advém da dialética do sujeito e do Outro, está determinada pela operatória da pulsão nos desfiladeiros do significante. Lembremos que todo desejo, na teoria lacaniana, “é desejo do Outro, é como outro que deseja”.³⁷ Para poder estabelecer uma relação habitável e moderada com o objeto – no nosso caso, o objeto alimentar – se necessita primeiramente de um meio, que é a metáfora paterna,³⁸ que organiza o campo do desejo. Que queiramos comer, ou não, será determinado pelo funcionamento e pela operatória do “objeto a”³⁹ na estrutura subjetiva.

³⁶ Ibidem. p. 9. (Tradução nossa).

³⁷ Lacan, J. (1963). *Seminário X*. Versão Rodríguez Ponte. Aula 2. p. 16.

³⁸ Lacan, J. (1989). *Seminário XI*, Buenos Aires: Paidós, p.283.

³⁹ Lacan escreve esta operação como divisão subjetiva no *Seminário 10*. Recomendo a leitura do texto de Michel Sauval *Esquema da divisão subjetiva*.

<https://www.sauval.com/angustia/s12division.htm>

Em alguns casos graves de psicose, a ausência de registro de extração do objeto *a* pode gerar situações em que o sujeito não come. Nestes casos, podemos ler que, diante de uma exigência que se apresenta como absoluta – ¡coma! – recaindo sobre o sujeito, tenta-se um limite artificial como saída: rejeitar todos os alimentos, como defesa da própria subjetividade. Quando o limite não opera na estrutura, o impossível aparece como possibilidade: viver sem comer.

O desejo está sempre situado em relação às voltas da demanda.⁴⁰ A pulsão, considerada como \$ (sujeito) em relação à demanda do Outro (\$◇D), permite pensar que, em alguns casos de anorexia, a posição do analista consistiria em estabelecer quais são as demandas do campo do Outro que são invasivas e insuportáveis que fazem o sujeito encontrar, como defesa única do seu ser, o recurso de não comer, ou comer nada.

O perigo para o sujeito não é o de qualquer abandono por parte do Outro, mas de seu abandono de sujeito, à demanda.⁴¹

Essas demandas podem estar encarnadas em um semelhante -outro- ou advir do Superego⁴² -campo do Outro-, como um mandato sem lei.⁴³ Nestes casos, o principal perigo que absorve o sujeito é a defesa da sua subjetividade frente à demanda absoluta do Outro (D). A descrição dos sintomas em termos como “não come porque goza em não comer” ou “não para de comer porque goza comendo” não permite sua solução. Como Lacan indica claramente:

[...] a análise não consiste em encontrar, num caso, um traço diferencial da teoria, e em acreditar que com isso se possa explicar **por que sua filha está muda**, pois ali se trata de **fazê-la falar**, e esse efeito virá de um tipo de intervenção que nada tem a ver com a referência ao traço diferencial.⁴⁴

Nossa tarefa como analistas não seria descrever como nossos pacientes sentem prazer ou desprazer com a comida, mas conseguir interpretar as cadeias significantes que permitam analisar as

⁴⁰ “[...] o desejo situa-se na dependência da demanda -demanda que, por estar articulada com significantes, deixa um resto metonímico que desliza por baixo dela, um elemento que não é indeterminado, que é uma condição, ao mesmo tempo absoluta e inapreensível, um elemento que está necessariamente *num impasse*, um elemento insatisfeito, impossível, não reconhecido, que se chama desejo.” Lacan, J. (1989). *Seminário II*. Buenos Aires: Paidós. p. 160. (Tradução nossa).

⁴¹ Lacan, J. (1963). *Seminário IX*. Versão Rodríguez Ponte. p. 14. (Tradução nossa).

⁴² Rodríguez Sciutto, C. (2021). El concepto de superyó en la obra de Jacques Lacan. *El rey está desnudo*, 18.

<https://elreyestadesnudo.com.ar/wp-content/uploads/2023/06/07-El-concepto-de-superyo-en-la-obra-de-Jacques-Lacan.pdf>

⁴³ A articulação do sujeito com o pequeno outro (a) e o grande Outro (A) está claramente apresentada no esquema R de Lacan, proposto em seu texto *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose*.

⁴⁴ Lacan, J. (1989). *Op. cit.* p.19. (Tradução nossa).

demandas, interpretar os desejos insistentes e decifrar a verdade que grita nos sintomas.

Introdução ao sistema simbólico: comer no mundo humano.

Melanie Klein descreve as dificuldades alimentares do pequeno Dick em seu artigo “A Importância do Símbolo na Formação do Ego”. Quando Dick era bebê, ele quase morreu de fome porque sua mãe não conseguiu amamentá-lo; e foi alimentado desde muito jovem com comidas artificiais. Todo o seu desenvolvimento foi afetado pela falta de amor da mãe, – indica Klein. A criança sofria de indigestão e, quando chegou a hora de comer alimentos sólidos, rejeitou absolutamente todos aqueles que não tivessem consistência de mingau – e mesmo assim ele teve que ser forçado a comer. Dick só melhora um pouco por influência de uma enfermeira que aparece em sua vida e cuida dele com carinho. O trabalho clínico de Klein neste caso, introduzindo o sujeito em uma ordem simbólica, permitiu melhorar sua forma sintomática de comer. A presença de um outro e sua demanda – recordemos que toda demanda é uma demanda de amor – permitiu a Dick a possibilidade de começar a comer no mundo humano.

Pensemos na fórmula pulsional ($\$ \diamond D$) de Lacan – que lemos como sujeito em relação à demanda do Outro – como condição necessária e primeira para qualquer possível articulação subjetiva do desejo de comer. A relação com o mundo implica, para o homem, a incorporação e mediação primária do sistema simbólico. Não há acesso possível à realidade natural sem esse recurso inicial. O desejo de comer implica a articulação de uma gramática prévia, de uma bateria significativa, que depende de condições de história e de estrutura.

Como adquirimos esse sistema simbólico que nos permite desfrutar ou não da comida? Otto Isakower, em seu artigo *On the Exceptional Position of the Auditory Sphere*,⁴⁵ teoriza como pensar sobre essas pré-condições. Seu trabalho investiga as relações entre o eu e o mundo externo nas fases de desenvolvimento da criança. Neste artigo, ele descreve crustáceos chamados Palaemon que precisam incorporar um pequeno pedaço do mundo exterior para completar seu desenvolvimento e estabelecer certas estruturas de seu corpo. Esse pedaço do mundo exterior permite que as relações do indivíduo com seu mundo sejam reguladas. O mesmo acontece com a audição do ser humano, uma vez que a aquisição da linguagem pela criança depende da apresentação ordenada do material

⁴⁵ Isakower, O. (1939). *On the Exceptional Position of the Auditory Sphere*.
<https://discursividadanalitica.com/on-the-exceptional-position-of-the-auditory-sphere/>.

sonoro vindo do mundo exterior. Não é um ato criativo. A criança constrói suas possibilidades de falar a partir do material linguístico a que é exposta e que é incorporado como exterior-interior ao seu corpo. Assim como os crustáceos, precisamos daquela pequena incorporação de algo externo, que então permite o funcionamento “natural” de um corpo num mundo. Dick precisava da presença do desejo de um outro: alguém que o introduzisse no campo simbólico e lhe demandasse comer. Lembremos a fórmula de Lacan: todo desejo é desejo do Outro.

O próprio desejo do homem se constitui, [Hegel] nos diz, sob o signo da mediação; é desejo de fazer seu desejo reconhecido. Tem por objeto um desejo – o do outro – no sentido de que o homem não possui nenhum objeto que se constitua para seu desejo sem alguma mediação, o que aparece em suas necessidades mais primitivas, como, por exemplo, na circunstância de que até que seu alimento deve ser preparado.⁴⁶

A possibilidade de desejar comer não é inata, depende da forma como foi incorporada aquela dimensão humana que Lacan chama de Outro. **Isso** externo-interno que deseja em mim. Podemos encontrar pacientes que não conseguem processar uma nova gramática nos objetos orais, sentem-se invadidos se a comida for apresentada com elementos estranhos, não conseguem comer numa “imissão de Outridade”.⁴⁷ Comer depende de condições anteriores dadas na história, de experiências com outros -seus desejos e demandas- que introduzem a criança a determinados padrões e sabores de comida. Em algumas famílias, a comida constitui uma linguagem de afeto entre gerações, um dom de amor. Noutras, o “dar de comer” pode aparecer como uma obrigação a cumprir, sem qualquer vínculo emocional ou prazeroso. Cada ato de comer é acompanhado de um discurso, uma linguagem com sua gramática própria, modo verbal e temporalidade particulares. Se o modo discursivo que acompanhou essas primeiras experiências com a comida foi o imperativo ou o condicional, as consequências não serão as mesmas. Esses encontros e formas de comunicação ocorridos na infância deixam ecos que ainda ressoam em nossos corpos a cada ato de comer.

Circuitos pulsionais entre o familiar e o estranho

⁴⁶ Lacan, J. (1988). *Escritos I*. Buenos Aires: Paidós. pp.171-172. (Tradução nossa).

⁴⁷ Lacan trabalha o conceito de imissão na palestra que proferiu em Baltimore (1966): “Of Structure as the Inmixing of an Otherness Prerequisite to Any Subject Whatever.”

O que significa comer na dimensão do **exótico**,⁴⁸ como propõe Lacan? Podemos pensar que é comer no terreno do oposto ao familiar: comer o outro, o diferente, comer **Outridade**. Vamos ao restaurante chinês porque não queremos comer o mesmo-familiar... queremos algo de outro lugar, algo estrangeiro...

O que faz uma comida desejável? Seguindo a proposta de articular a comida com o conceito de pulsão, por trás de uma comida desejável existe uma ficção, implica a existência de uma montagem semelhante a uma colagem de texturas, cores e sabores. Por trás de uma comida desejável está o desejo de quem criou aquela colagem, que inclui componentes familiares e estranhos. No menu nos deparamos com o desejo do chef.

O chef David Chang, em seu artigo *Unified Theory of Deliciousness*,⁴⁹ se propõe descobrir o código secreto por trás de uma comida que dá prazer, esse momento mágico em que um cliente está conversando e de repente se detém, por conta de sensações prazerosas em seu paladar. Chang percebeu a presença de padrões de repetição e leis que fazem a combinação de ingredientes funcionar, produzindo prazer. Para investigar esse tema, ele participou de um curso de lógica avançada do filósofo Howard DeLong. DeLong e Hofstadter trabalham o conceito de *strange loops*, casos em que sistemas matemáticos, obras de arte ou música produzem um circuito que se dobra sobre si mesmo. Este curso permitiu a Chang pensar na comida como um sistema formal de texturas e sabores que conecta algo completamente **não familiar** (Outro/Outridade) a alguma experiência familiar. Muitos pratos do mundo todo partilham os mesmos modos de preparo e os expressam por meios diferentes, conforme os ingredientes locais disponíveis. Podemos pensá-los como produtores de melodias de sabores, onde o efeito de surpresa e prazer se encontra num particular entrelaçamento entre o novo e o familiar. Uma empanada argentina compartilha sua estrutura e produz um prazer semelhante a uma samosa da Índia, a tacos do México, arepas venezuelanas e dumplings da China. Há uma lógica por trás de um prato maravilhoso, os elementos estão entrelaçados em um bucle que gira magicamente entre as zonas erógenas de sabores da nossa boca. O que importa é o menu e as suas receitas, a seleção dos elementos e a sua combinação, e tudo funciona como uma pintura que, em vez de capturar olhares, captura a boca.

Tanto chefs como enólogos afirmam que a boa comida e o bom vinho produzem um circuito particular que liga simultaneamente todas as áreas erógenas da boca relacionadas com os sabores

⁴⁸ Lacan, J. (1989). *Seminário XI*. Buenos Aires: Paidós. pp. 277-278.

⁴⁹ Chang, D. (2016) *Unified Theory of Deliciousness*. Revista Wired. <https://www.wired.com/2016/07/chef-david-chang-on-deliciousness/>

básicos: doce, salgado, azedo, amargo e umami.⁵⁰ Chang entendeu que a comida que gostamos e que nos prende é aquela que nos põe num bucle e nos faz voltar sempre. Este circuito pulsional sublimatório permite que um sujeito realize seu desejo por meio de um circuito que gira e captura um outro.⁵¹ Seguindo a proposta da gramática pulsional de Lacan, podemos dizer que, para um chef, se trata de “fazer-se comer”.⁵²

Novas tendências

Na era atual começam a surgir situações em que comer se torna uma atividade mecânica, regulada e desumanizada. Tratar-se-ia da alimentação como atividade objetiva de incorporação de materiais necessários à vida, na forma de líquidos, substâncias ou comprimidos, num processo biológico desarticulado de socialização e desejo.

George Orwell, em seu romance *1984*, parece prever essas novas tendências. Naquele seu mundo apocalíptico, ele nos conta como os personagens se alimentam:

Atravessaram a sala lotada e deixaram as bandejas sobre a mesa com tampo de metal, em cujo canto alguém havia deixado uma poça de ensopado, um líquido nojento que parecia vômito. [...] Começou a engolir colheradas do guisado que, misturado em seu descuido geral, continha cubos de uma substância rosada e esponjosa que provavelmente era uma carne processada.⁵³

Num artigo da revista Times, intitulado “O homem que pensa que pode viver para sempre”,⁵⁴ o empresário Bryan Johnson propõe que comer seja uma atividade mecânica e biológica controlada, de modo a alcançar uma longevidade eterna. Ele argumenta que **terceirizar** o controle do seu corpo a um algoritmo será a forma definitiva de alinhamento dos humanos com a inteligência artificial. Sua proposta poderia ser resumida como o surgimento de um *self* dirigido por um computador, em que a alimentação é tratada como uma função controlada e puramente orgânica. Um trecho da descrição de sua dieta no artigo da Times:

⁵⁰ Esses sabores básicos estabelecidos são culturais e, portanto, podem variar entre épocas e países.

⁵¹ “Este sujeito, que é propriamente o outro, aparece se a pulsão consegue fechar sua trajetória circular. Somente com seu aparecimento no outro a função da pulsão pode se realizar”. Lacan, J. Seminário 11, Buenos Aires: Paidós, p.186.

⁵² “[...]fazer-se ver: é disso que se trata na pulsão. A atividade da pulsão se concentra nesse **fazer-se**, e talvez possamos conseguir alguns esclarecimentos se o referirmos ao campo das demais pulsões”. Lacan, J. *Seminário XI*, Buenos Aires: Paidós. p. 202.

⁵³ Orwell, G. (2023). *1984*. Edición Kindle, Pomodoro Books. (Tradução nossa).

⁵⁴ Alter, C. (2023). *O homem que pensa que pode viver para sempre*, na revista Times, <https://time.com/6315607/bryan-johnsons-quest-for-immortality/>

[...] chocolate especial, que não foi despojado de metais pesados e vem apenas de regiões com alta densidade de polifenóis. Tem gosto de pés. Ela também me prepara uma mistura que lembra um suco contendo clorela em pó com espermidina, complexo de aminoácidos, creatina, peptídeos de colágeno, flavonóis de cacau e canela do Ceilão. [...] Após o treino, Johnson come vegetais cozidos no vapor e lentilhas que foram liquefeitas até parecerem um **mingau** da cor de um leão marinho.

Este é o futuro? Um regime rigoroso de mingaus e comprimidos de suplementos por dia, com o objetivo de alcançar a vida eterna? Poderíamos responder a esta proposta com uma frase do filme *1984*: “Não basta se manter vivo, seguir sendo humano é o que importa”.

Na clínica das psicoses atendemos pacientes que apresentam sérias dificuldades de se alimentar na forma social da comunidade a que pertencem. Nesses casos, a utilização de substitutos alimentares pode ser um recurso necessário. A dissociação entre a alimentação e o desejo de comer pode ser um sintoma a ser trabalhado em análise -principalmente nas neuroses- enquanto em outros casos uma dada condição de estrutura exige a criação de soluções que possibilitem a existência do sujeito. Precisamos ter uma hipótese da estrutura clínica antes de estabelecer um caminho na direção do tratamento. A função do analista, em ambos os casos **não consistirá** em demandar do paciente comer ou não comer; mas sim em ler quais são as demandas e desejos inconscientes aos quais aquele sujeito responde com aquele sintoma. Há um desejo insistente à espera de ser interpretado.

Avanços e conclusões

Para concluir, provar uma maçã no mundo humano implica na incorporação prévia de um sistema simbólico que nos permite processar essa experiência, dando-lhe sentido. A alimentação como função biológica e o desejo de comer são dois campos inter-relacionados que podem se apresentar de modo articulado ou não. O caso Dick, de Melanie Klein, nos apresenta dificuldades na alimentação, por sua desarticulação à demanda do Outro e à função simbólica. O desejo de comer será possível pela incorporação do significante Nome do Pai como organizador prévio da estrutura, o que permite a articulação entre o familiar e o estranho (Outridade): permite comer em **imissão de**

Outridade.

Proponho avançar nosso percurso clínico a partir destes dois conceitos articulados: **imissão/invasão de Outridade**,⁵⁵ que nos permitem diferenciar o campo das neuroses do das psicoses. Comer com vontade e prazer implica em que seja possível uma experiência subjetiva em **imissão de Outridade**. A falta das condições estruturais prévias e necessárias no campo organizado que Lacan chama de Outro pode fazer com que a experiência de comer seja tomada, subjetivamente, como uma **invasão de Outridade**, o que podemos verificar em alguns casos de psicose.⁵⁶

A experiência de Bryan Johnson é um exemplo de certa tendência atual à dessubjetivação da alimentação, a comer cortando todo vínculo com laços sociais, desejo e prazer. Também podemos encontrar o contrário, experiências de desejo desarticuladas da função biológica, como vemos no “comer nada” – e alguns casos de anorexia – ou no “comer de tudo sem parar” – das adições e bulimias. Ressaltamos que, nesta perspectiva de leitura, não existem “as anorexias” ou “as bulimias” como conjuntos de diagnóstico único. Em cada caso particular, esses sintomas terão sentido específico, relacionado à história daquele sujeito.

Comer, suas formas, sua gramática e sua relação temporal são maneiras de expressão uma estrutura subjetiva. Por exemplo: numa mania, não ficaremos surpresos ao descobrir que o sujeito come da mesma forma que fala, sem parar; enquanto numa melancolia a falta de vontade de viver se junte à falta de vontade de comer. O método de trabalho consistirá em detectar a rede significativa - “[...] os cruzamentos se repetem e são sempre os mesmos” –⁵⁷ que dá suporte aos sintomas. **Isso** fala nos sintomas.

A comida, pensada como atividade social, entrelaça a história e a cultura de um povo. Comer, no mundo humano circundante, requer uma elaboração do objeto comida que é transmitido de geração em geração, sob a forma escrita: cardápios e receitas. Os **falasseres**, necessitamos de uma máquina discursiva para poder comer. Só podemos saborear aquilo que as representações de sabor da nossa bateria significativa nos permite.

⁵⁵ Conceitos trabalhados por Dutra, F. & Rodríguez Sciutto, C. (2022-2023). *Seminário de Leitura Crítica do Seminário de Lacan sobre Psicoses e suas consequências clínicas*. Brasília.

⁵⁶ Lacan propõe uma topologia específica para pensar a imissão: o *cross-cap*.

⁵⁷ Lacan, J. (1989). *Seminário XI*. Buenos Aires: Paidós. p. 53.

BIBLIOGRAFIA:

1. Alter, C. (2023). *O homem que pensa que pode viver para sempre*. Revista Times, <https://time.com/6315607/bryan-johnsons-quest-for-immortality/>
2. Chang, D. (2016). *Unified Theory of Deliciousness*. Revista Wired. <https://www.wired.com/2016/07/chef-david-chang-on-deliciousness/>
3. Dutra, F. (2020). El sujeto en el gozo y la pulsión. Em revista *El Rey está Desnudo*, 16.
4. Dutra, F. (2021). Pulsão e Gozo. Em *Lacan, A Revolução Negada*. Curitiba: CRV Ltda. pp. 193–207.
5. Isakower, O. (1939). *Sobre a posição excepcional da esfera auditiva*. <https://discursividadanalitica.com/on-the-exceptional-position-of-the-auditory-sphere/>
6. Klein, M. (1930). The Importance of Symbol-Formation in the Development of the Ego I Int. J. Psycho-Anal, 11:24-39. (A importância do símbolo na formação do eu. Tradução pessoal).
7. Lacan, J. (1961-1962). *Seminário IX*. Versão Rodríguez Ponte.
8. Lacan, J. (1963). *Seminário X*. Versão Rodríguez Ponte.
9. Lacan, J. (1966). *Of Structure as the Inmixing of an Otherness Prerequisite to Any Subject Whatever Baltimore*. 21 de outubro de 1966.
10. Lacan, J. (1988). La instancia de la letra o la razón desde Freud. Em *Escritos I*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno.
11. Lacan, J. (1988). Sobre la causalidad psíquica. Em *Escritos I*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno.
12. Lacan, J. (1989). *Seminário XI*. Buenos Aires: Paidós.
13. Lacan, J. (1972). *Seminário XX*. Versão Rodríguez Ponte.
14. Lacan, J. (2009). *Seminário XXIII*. Buenos Aires: Paidós.
15. Lacan, J. (2010) *Seminário VI*. Versão Rodríguez Ponte. Aula 27.
16. Lacan, J. (2014). *Seminário VI*. Buenos Aires: Paidós.
17. Rodríguez Sciutto, C. (2021). O conceito de superego na obra de Jacques Lacan, em *El Rey está Desnudo*, 18.
18. Von Uexküll, J. (2014). *Cartas Biológicas a uma Dama*. Buenos Aires: Editorial Cactus.
19. Von Uexküll, J. (2016). *Peregrinações pelos mundos circundantes de animais e homens*. Buenos Aires: Editorial Cactus.

CARINA RODRIGUEZ SCIUTTO

Psicanalista residente em Fort Lauderdale, Flórida, EUA.

Site: <https://www.carinarodriguezsciutto.com/>

E-mail: mhc.carina.rodriguez@gmail.com